



INSEGURANÇA DAS MULHERES FRENTE À MAMOGRAFIA: ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE MEDO E IDADE

Arthur F. Rosa¹, Gabriela M. Cunha¹, Nayara Michelle A. Machado¹, Nicolle M. C. Ignacio¹, Rute Cristina O. Soares¹, Críssia Carem P. Fontainha¹, Luciana B. Nogueira¹, Talita O. Santos¹, Adriana S. M. Batista¹

¹ Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Avenida Alfredo Balena, 190, Santa Efigênia, Belo Horizonte, MG/Brasil, CEP 30.130-100
adriananuclear@yahoo.com.br

Palavras-Chave: Mamografia, medo, mulher, idade.

RESUMO

O câncer de mama está entre os mais prevalentes no Brasil entre as mulheres, atrás apenas do câncer de pele. O exame de mamografia é utilizado para rastreamento precoce, sendo sua realização incentivada por mulheres com mais de quarenta anos. No entanto, existe uma preocupação quanto à adesão ao exame, uma vez que algumas mulheres apresentam receios em realizar o procedimento diagnóstico, seja pela dor da compressão necessária das mamas ou referente à exposição à radiação. Para melhor compreender este cenário a presente pesquisa foi realizada através de entrevista semiestruturada, onde se buscou identificar na população de mulheres se apresentavam reservas para realização da mamografia, sendo questionada a razão de eventual desconforto em relação à técnica diagnóstica. Assim, tratou-se de um estudo de natureza aplicada e de caráter exploratório que teve como objetivo estudar a relação entre a idade e o medo eventual das mulheres em se submeterem ao exame de mamografia. A população de estudo foi constituída através de abordagem direta de mulheres no contexto hospitalar e ambulatorial na cidade de Belo Horizonte e região metropolitana, totalizando 438 com idade acima dos quarenta anos. A grande maioria já havia realizado exame de mamografia pelo menos uma vez (396), relataram receios semelhantes quanto ao medo da dor e exposição à radiação. Houve relatos de uma boa experiência relacionada à atuação dos profissionais, por proporcionar tranquilidade através de um atendimento humanizado. Percebeu-se que o desconhecimento das práticas radiológicas e a falta de políticas públicas influenciam a relutância em realizar exames de imagem para detectar precocemente doenças mamárias. Os resultados mostraram que, contrariamente às expectativas, a maioria das mulheres consideram a mamografia segura e não hesitam em realizá-la, não havendo especificidade significativa relativa à idade. Ainda assim, foi possível contextualizar discussão com bases teóricas que relacionam idade e medo da tecnologia, com consequências na adesão ao diagnóstico e tratamento de saúde. Logo, o estudo sugere que, apesar das inseguranças apresentadas pelas mulheres entrevistadas, há uma aceitação geral do exame, o que pode orientar futuras políticas para aumentar a adesão aos exames mamográficos.

1. INTRODUÇÃO

O câncer de mama é uma condição grave que afeta as células do tecido mamário, predominantemente nas mulheres, embora também possa ocorrer em homens, apesar de ser menos comum. Nesse cenário, é um dos tipos mais comuns de câncer em todo o mundo, com milhões de casos diagnosticados anualmente. Ademais, esta doença pode se apresentar de diversas formas, desde nódulos palpáveis na mama até alterações detectadas por exames de imagem, como a mamografia [1]. Por conseguinte, a conscientização sobre a importância da detecção precoce é essencial para melhorar as taxas de sobrevivência e reduzir a mortalidade associada a essa doença.

À vista disso, a mamografia desempenha um papel fundamental na detecção antecipada do câncer de mama, pois permite a visualização de microcalcificações e massas suspeitas antes que se



tornem clinicamente perceptíveis. Dessa forma, esta técnica de imagem tem sido amplamente utilizada em programas de triagem para mulheres, particularmente aquelas com mais de 40 anos, ajudando a identificar tumores em estágios iniciais da doença. Assim, a detecção prévia é essencial, uma vez que aumenta significativamente as chances de tratamento bem-sucedido e reduz a letalidade associada ao câncer de mama [2].

No entanto, apesar dos benefícios comprovados da mamografia na redução da mortalidade por câncer de mama, muitas mulheres relutam em realizar o exame devido a uma variedade de razões, sendo o medo uma das mais proeminentes [3]. Outrossim, o medo associado à mamografia é multifacetado e pode derivar de vários fatores, incluindo o desconforto físico durante o procedimento, a ansiedade em relação aos resultados e o temor do diagnóstico de câncer. Porém, uma análise mais aprofundada revela que o medo das mulheres em relação à mamografia vai além das preocupações imediatas. Envolve também aspectos psicológicos, sociais e culturais que moldam as percepções e experiências individuais em relação ao exame [4].

Este trabalho de pesquisa se propõe a explorar o fenômeno do medo das mulheres em relação à mamografia. Considerou-se, em princípio, o fator idade como determinante para um medo associado à tecnologia e a exposição à radiação. Para o estudo foram realizadas entrevistas com mulheres acima dos quarenta anos, sobre a mamografia, receios em realizar exame e políticas públicas de saúde da mulher para prevenção do câncer de mama. Partiu-se da hipótese de que, ao compreender melhor as origens e ramificações do medo associado à mamografia, pode-se desenvolver intervenções mais eficazes para incentivar as mulheres a realizarem o exame de forma regular e oportuna, contribuindo assim para a detecção precoce e o tratamento bem-sucedido do câncer de mama. Realizou-se, adicionalmente, uma revisão teórica da temática dos determinantes do medo e o avançar da idade, bem como suas implicações para a saúde pública e o bem-estar das mulheres. Além disso, são discutidas estratégias potenciais para superar as barreiras relacionadas ao medo e promover uma participação mais ampla e regular na triagem mamográfica.

2. METODOLOGIA

Tratou-se de uma pesquisa de natureza quali-quantitativa, associando a descrição do medo relacionado à realização do exame de mamografia, com classificação e interpretação de caráter empírico de respostas a uma entrevista semiestruturada, em conjunto com análise de dados numéricos da frequência das respostas. As mulheres entrevistadas compuseram amostragem por conveniência, que é uma técnica de amostragem não probabilística e não aleatória usada para criar amostras de acordo com a facilidade de acesso [5]. Neste caso, envolvendo mulheres em atendimento médico hospitalar ou em posto de saúde, totalizando 438 mulheres. Teve-se em conta a disponibilidade das mesmas para fazer parte da amostra em um determinado intervalo de tempo (entre os anos de 2018-2019). O perfil da idade das entrevistadas está especificado em uma distribuição agrupada na Tab. 1.

Tab. 1. Idade das mulheres entrevistadas para a pesquisa.

Grupo de idade	Número de mulheres
40-49	139
50-59	157
60-69	103
70-79	33
80-89	5
90-99	1
Total	438



Extraíu-se das entrevistas as seguintes informações específicas para trabalho com a temática da relação entre idade, medo e realização do exame de mamografia: presença ou não de medo em realizar a mamografia; motivos para se temer a realização do exame; conhecimento de fatores de risco para o câncer de mama; percepção de assistência por parte de políticas públicas voltadas às mulheres. As respostas obtidas foram categorizadas entre os três principais receios relatados: desconforto do procedimento, em referência a compressão das mamas; resultado do exame, quanto ao possível diagnóstico do câncer de mama; exposição à radiação. Considerou-se as informações sobre os fatores de risco para o câncer de mama e políticas públicas como questões que poderiam, eventualmente, serem utilizadas para contextualizar a discussão sobre o realizar ou não o exame de mamografia, seja pelo nível de preocupação com a doença, força de crenças, mitos, informações falsas ou pela falta de segurança quanto ao papel do estado em sugerir o exame para rastreamento. O trabalho é um recorte de uma pesquisa maior, voltada para o estudo do enfrentamento do processo de envelhecimento, desenvolvido pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), autorizado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UFMG), CAAE 72762017.0.0000.5149.

3. RESULTADOS

Considerando que, a princípio, esperava-se obter uma relação inequívoca entre o avançar da idade e a menção ao medo em realizar o exame de mamografia, buscou-se na fala das mulheres menção à tecnologia e/ou exposição à radiação. Acreditou-se inicialmente que as mulheres mais jovens estariam mais atualizadas quanto a segurança dos procedimentos médicos, avanços tecnológicos e radioproteção, com base teórica nas crenças geracionais [6]. No entanto, não foi o que ocorreu, uma vez que não houve correlação entre os medos apresentados com alguma prevalência de idade, conforme pode ser conferido na Tab.2. Ao contrário do que se esperava, houve relato de receios sobre o exame em somente 5,9 % das mulheres entrevistadas (27).

Tab. 2. Grupo das mulheres por idade que responderam terem se sentido inseguras quanto ao exame de mamografia.

Grupo por idade	Número de mulheres que se sentiram inseguras	Porcentagem referente ao grupo (%)
40-49	13	9,3
50-59	8,0	5,0
60-69	4,0	3,8
70-79	1,0	3,0

Observa-se na Tab.2. que uma porcentagem maior de mulheres com idades entre 40-49 anos de idade manifestou insegurança quanto ao exame de mamografia. Nenhuma mulher acima de 80 anos manifestou receio quanto ao exame. Observamos os argumentos quanto ao medo de realizar o exame mamográfico e identificamos os mais recorrentes entre o desconforto do procedimento (33,3 %), com relatos de dor pela compressão das mamas; preocupação quanto ao resultado do exame (14,8 %), devido ao possível diagnóstico do câncer de mama; medo da exposição à radiação (11,1 %).

O filósofo Søren Kierkegaard abordou a ideia de que o novo ou o desconhecido pode causar medo [7]. Neste caso, o novo pode ser considerado a tecnologia e o desconhecido o resultado do próprio exame. Dessa forma, em suas obras, Kierkegaard explora o conceito de "angústia" (ou "ansiedade"), que ele descreve como um sentimento profundo de medo ou apreensão diante da liberdade e das possibilidades desconhecidas que a vida oferece. Segundo Kierkegaard, essa



angústia é uma condição inerente à existência humana, especialmente quando confrontados com decisões que podem mudar o curso de nossas vidas, como ir em direção ao diagnóstico do câncer, por exemplo. Quanto ao receio de sentir dor, o medo da radiação e seu papel no desenvolvimento de câncer, é necessário esclarecer que são inerentes ao exame, ou seja, tanto a compressão da mama, quanto o uso da radiação para a produção da imagem. A compressão é necessária para uma melhor visualização das estruturas.

A perceptiva de que a insegurança na realização dos exames de mamografia seria prevalente na população mais idosa se mostrou errônea, uma vez que das 27 mulheres que relataram medo, quase metade (13) estavam na faixa etária mais baixa da pesquisa. Por outro lado, os relatos de medo da radiação estiveram prevalentes para mulheres com idade entre 60-69 anos. Houve relato pontual sobre a ausência de uso de protetores de tireoide, o que demonstra susceptibilidade em acreditar em notícias falsas, uma vez que seu uso foi erroneamente divulgado como necessário nas mídias sociais [8]. Uma explicação possível para o resultado encontrado, de que mulheres mais jovens estão entre as mais receosas em se submeterem ao exame de mamografia, poderia estar, justamente, no acesso maior a notícias e discussões pautadas em redes sociais. Neste sentido, políticas públicas de divulgação de boas práticas em saúde são necessárias para evitar que notícias falsas desempenhem papel relevante na decisão de se submeter a uma intervenção em saúde, seja diagnóstica ou terapêutica.

A carência de informação segura consiste em uma das razões para a construção de inseguranças em referência tanto à realização dos exames de mamografia, quanto ao próprio câncer de mama, uma vez que gera abertura para a entrada de notícias falsas e considerações errôneas. Em vista disso, foram analisados dois aspectos abordados na entrevista com as mulheres: a presença de crenças falsas relacionadas aos fatores de risco para desenvolvimento do câncer de mama; e quanto a atenção das políticas públicas no cuidado da saúde das mulheres. Na Tab.3. são apresentados alguns exemplos sobre fatores de risco citados pelas mulheres entrevistadas e não validados cientificamente.

Tab. 3. Fatores de risco para o câncer de mama não validados e citados pelas mulheres.

Idade das mulheres	Fator de risco para o câncer de mama
42	Mastite
43	Uso de sutiã com aro
47	Celular próximo ao seio
52	Agrotóxicos
62	Dormir com sutiã
67	Desodorante aerossol
72	Bater no local

Observa-se na Tab.3. a força do senso comum no momento de atribuir fatores de risco para o câncer de mama. Segundo cartilha sobre o câncer de mama elaborado pela Sociedade Brasileira de Mastologia (SBM) e a cartilha sobre o Câncer de mama fornecida pelo Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA) não há causas definidas para a neoplasia [9,1]. Entretanto pode ser estatisticamente associada à idade, menarca precoce, menopausa tardia, histórico familiar, não engravidar ao longo da vida, gestação após os 30 anos e problemas hormonais. Além disso, citam obesidade e sobrepeso, sedentarismo, alimentação irregular, má qualidade de vida, cuidados com a saúde, bebida alcoólica e exposição frequente a radiações ionizantes. Sendo assim, após uma análise dos fatores de riscos indicados pelas entrevistadas, conclui-se pela necessidade de conscientização da população, uma vez que a desinformação colabora com o medo do desconhecido. Neste sentido, é viável discutir sobre a importância das políticas públicas de apoio e conscientização em saúde.



As políticas públicas são ações e programas desenvolvidos pelo governo para atender às necessidades da sociedade e garantir direitos previstos na Constituição Federal e em outras leis [10]. As políticas públicas de saúde incluem ações para conscientizar a população, como campanhas específicas para combater doenças, implementar medidas sanitárias e controlar a saúde da população [11]. Neste contexto, questionou-se as mulheres entrevistadas se elas se sentiam cuidadas por políticas públicas voltadas a saúde da mulher. Poderiam escolher entre as opções: sim, com certeza; provavelmente; incerta; não. Havia espaço para considerações específicas. A maioria das mulheres (185) indicaram não se sentirem cuidadas pelas políticas públicas (42,23 %). Algumas relataram que “faltam recursos e médicos”, “demora a marcar os exames”, “pouca divulgação”, “pouco investimento”. Argumentos semelhantes foram apresentados por algumas das 170 mulheres que sinalizaram que “provavelmente” se sentem cuidadas por políticas públicas. Duas mulheres não souberam responder. Das que sinalizaram “sim, com certeza” se sentem cuidadas (80), algumas citaram as campanhas de conscientização sobre o câncer de mama. Estas representaram 18,26 % das mulheres entrevistadas. Cabe reforçar que a maioria das mulheres apresentaram uma visão positiva do exame de mamografia. Houve relatos que atribuíam uma boa experiência no momento do exame ao tratamento dispensado pela equipe técnica. O atendimento humanizado foi citado como relevante para a sensação de segurança. A humanização dos serviços de saúde também se enquadra em uma política pública e, neste sentido, reforça a importância do papel do Estado em orientar políticas de atenção à saúde [12].

4. CONCLUSÃO

Quanto a hipótese inicial do trabalho, de uma possível correlação entre a faixa etária da população entrevistada com prevalência de inseguranças em realizar o exame de mamografia, os resultados demonstraram que não há uma relação direta entre o medo e a idade. A maioria das mulheres demonstraram segurança para realizar o exame de mamografia. No entanto, uma parcela desta população demonstrou hesitação em realizar o exame, em especial por medo da dor, ou mesmo do diagnóstico desfavorável. Entre a parcela que relatou medo, a maioria estava na faixa de idade entre 40-49 anos e citaram receios com origem em crenças fortalecidas pelas redes sociais. O medo da radiação ionizante foi sinalizado por mulheres com idade superior a 55 anos, em maioria entre a faixa de 60-69 anos.

A maioria das mulheres entrevistadas manifestaram insatisfação com as políticas públicas de cuidado com a saúde da mulher e este dado é relevante, pois aponta para a importância de se incrementar o trabalho desenvolvido pelo governo em apoio as mulheres. Acredita-se que este estudo possa contribuir com pontos a serem trabalhados em campanhas de conscientização, tais como: o necessário uso da compressão e a segurança do procedimento. Além disso, sinalizar que a mamografia é realizada no intuito de um diagnóstico precoce do câncer de mama, o que melhora o prognóstico da doença, para encorajar aquelas mulheres que temem pelo diagnóstico.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaríamos de agradecer às professoras que compartilharam o banco de dados de entrevistas usado em nosso trabalho. Em especial nossa professora Adriana de Souza Medeiros Batista, por todos os conselhos, pela ajuda e pela paciência com a qual guiou a nossa pesquisa. Gostaríamos de agradecer as mulheres entrevistadas, que direta ou indiretamente, participaram do desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, enriquecendo o nosso processo de aprendizado. Agradecemos imensamente por essa jornada enriquecedora ao lado dos colegas de pesquisa.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] <https://www.inca.gov.br/publicacoes/cartilhas/cancer-de-mama-vamos-falar-sobre-isso> acessado em 11/09/2024.
- [2] <https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/gestor-e-profissional-de-saude/controlado-cancer-de-mama/dados-e-numeros/incidencia> acessado em 11/09/2024.
- [3] G. D. Santos e R. Y. S. Chubaci, O conhecimento sobre o câncer de mama e a mamografia das mulheres idosas frequentadoras de centros de convivência em São Paulo (SP, Brasil), *Ciência & Saúde Coletiva*, Vol. 16, pp. 2533-2540 (2011).
- [4] I. C. Schneider *et al.*, Rastreamento mamográfico do câncer de mama no Sul do Brasil e fatores associados: estudo de base populacional, *Cadernos de Saúde Pública*, Vol. 30 (9), pp. 1987-1997 (2014).
- [5] <http://www.capcs.uerj.br/tecnicas-de-amostragem/> acessado dia 11/09/2024.
- [6] R. C. M. M Lôbo *et al.*, Crenças relacionadas ao processo de adoecimento e cura em mulheres mastectomizadas: um estudo psicanalítico, *Psicologia Hospitalar*, Vol. 4 (1) (2006).
- [7] https://www.ebiografia.com/soren_kierkegaard/ acesso dia 14/05/2024.
- [8] <https://g1.globo.com/google/amp/fato-ou-fake/noticia/2021/10/27/e-fake-que-exame-de-mamografia-provoque-cancer-na-tireoide.ghtml> acesso dia 13/05/2024.
- [9] <https://www.sbmastologia.com.br/wp-content/uploads/2022/09/Cartilha-SBM-2022-digital-2.pdf> acessado dia 13/05/2024.
- [10] E. Saravia e E. Ferrarezi, Políticas públicas, Brasília, ENAP (2006).
- [11] G. L. Freitas, Discutindo a política de atenção à saúde da mulher no contexto da promoção da saúde. *Revista eletrônica de enfermagem*, Vol. 11(2), pp. 31-48 (2009).
- [12] <https://www.gov.br/saude/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/humanizaus> acessado em 11/09/2024.